

INVESTIGANDO OS CORPOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RIBEIRO COSTA, P. (1) y MARQUES XAVIER, M. (2)

(1) Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande pribeiro@vetorial.net

(2) Universidade Federal do Rio Grande. marciaxm@mikrus.com.br

Resumen

Este trabalho tem como propósito investigar como os corpos são apresentados nos livros didáticos de Ciências dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental. Neste estudo, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, entendendo os corpos como produções históricas e culturais. Para tanto, analisamos os livros didáticos utilizados por professoras do município do Rio Grande/RS. Sendo os livros didáticos um dos materiais mais utilizados pelos/as professores/as para o planejamento de suas aulas, necessitamos (re)pensar sua utilização, problematizando as questões e imagens neles apresentadas e permitindo que sejam feitas contribuições acerca de outros assuntos que fazem parte do dia-a-dia de todos nós, envolvendo temas que dizem respeito a beleza, saúde, doença, obesidade, sexualidade, entre outras.

1. Objetivo: Analisar como os corpos vêm sendo apresentados nos livros didáticos de Ciências utilizados por algumas professoras dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental.

2. Marco Teórico:

Na perspectiva de discutir e de refletir a respeito do corpo como uma construção histórica e cultural, temos buscado estabelecer algumas conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas. Esses Estudos têm buscado, em suas análises, caracterizar os objetos de estudo – vídeos, livros, revistas, gibis, panfletos, internet, jogos, músicas, etc - como artefatos culturais, isto é, como resultados de processos de construção social. Desta forma, entendemos o livro didático como um artefato cultural, uma invenção, que se constituiu, e se constitui, na correlação de múltiplos elementos sociais. Valendo-nos desse campo, buscamos problematizar o livro didático de Ciências como produtor de significados, através dos quais legitimam-se determinadas representações de corpos.

Sendo o livro didático um instrumento pedagógico bastante utilizado pelos/as professores/as nas salas de aula, necessita corresponder com as atuais exigências de uma educação para o século XXI, na qual o conhecimento, os valores, as capacidades de resolver problemas, aprender a aprender, assim como a “alfabetização científica e tecnológica” são elementos essenciais. Assim, o livro didático não pode continuar apenas como fonte de conhecimentos a serem transmitidos pelo/a professor/a e com objetivo de serem memorizados e repetidos pelos alunos. (Núñez, et al., 2003).

O livro didático de Ciências, sendo um artefato cultural, deve dialogar com outros tipos de saberes, como uma obra aberta, problematizadora da realidade. É importante esse material pedagógico estar contextualizado histórica e culturalmente, e não constituir um produto fechado, contendo as ditas “verdades científicas”.

3. Desenvolvimento do tema:

3.1 Estratégias Metodológicas

Num primeiro momento da pesquisa, realizamos uma entrevista com quatorze professoras de 1ª a 4ª séries das escolas do Ensino Fundamental a fim de sabermos sobre a escolha do livro didático de ciências e como analisam o mesmo. Foram escolhidos dez livros de ciências utilizados por essas professoras. Nesses livros analisamos como os corpos vêm sendo representados nos livros didáticos de ciências a partir do entendimento do corpo como uma construção híbrida - biológica, histórica e cultural. Nesse sentido, não são apenas as características biológicas que o definem, mas também os significados construídos em diferentes contextos culturais, tempos, espaços, grupos sociais, étnicos, raciais, entre outros.

3.2 Resultados:

Num primeiro momento da análise dos livros, buscamos conhecer os conteúdos que eram trabalhados nas respectivas séries com relação aos corpos. Observamos que os livros das 1ª séries enfatizam os sentidos e as partes do corpo (cabeça, tronco e membros); na 2ª série, há ênfase na divisão do corpo, sentidos, higiene, alimentação; na 3ª série enfatiza-se a alimentação e também a higiene; e na 4ª, são trabalhados todos os sistemas do corpo, “legitimando” a necessidade de conhecer o seu funcionamento nessa série, “uma vez que os/as alunos/as estão ‘entrando’ na adolescência, seus corpos estão mudando, tornando-se imprescindível ‘falar’ para controlá-los.” (Ribeiro, 2002, p. 86).

Nesse sentido, não se leva em conta se esses assuntos são relevantes e significativos para os/as alunos/as naquele momento. Muitas vezes, a escola enfatiza uma perspectiva hegemônica e dita-a como “verdade”, dificultando a produção de outros saberes importantes e relevantes para a vida dos/as estudantes e capaz de atender as suas necessidades. Para Souza (2007, p. 16),

A tradição escolar de seguir a listagem de conteúdos determinados nos programas curriculares, e especialmente, nos livros didáticos, vem impedindo a produção de um outro saber, útil e relevante para a vida das pessoas e capaz de fazer frente aos múltiplos processos e práticas implicadas na produção de “verdades” que inscrevem e produzem os seus corpos

Os corpos mostram-se fatiados, com vísceras a mostra, sem rosto, sem sexo, sem mãos e nem pés. Tais corpos são apresentados como se fossem o modelo de corpo vivenciado pelos alunos/as. Os livros mostram um corpo universal, que tem um padrão hegemônico, que se repete independentemente de classe, raça, etnia, credo, língua, geração, imagens estereotipadas, mostrando um corpo bem diferente do corpo dos alunos. Como nos coloca Santos (2002, p. 103), “o corpo pressuposto na cultura escolar não é nem aquele do conhecimento biomédico contemporâneo (os saberes de referência), posto que a escola não ensina as Ciências que fizeram sua comprovação em outro local”.

Com relação aos corpos de meninos e meninas, podemos perceber que os mesmos diferenciam-se em cada nível de ensino (1ª a 4ª), ou seja, na 1ª série normalmente são desenhos estereotipados, com genitália tapada; o que diferencia o menino da menina é o cabelo e a roupa. Na 2ª e 3ª séries praticamente não aparecem corpos e quando aparecem são questões relacionadas a alimentação e hábitos de higiene. Assim, percebemos que os livros didáticos mostram um padrão de ensinar os hábitos de higiene e de se alimentar, sem levar em conta o contexto histórico e social em que os sujeitos se encontram. Na 4ª série, aparecem diferenças relacionadas ao sistema genital entre os meninos e as meninas, quando se estuda o corpo humano. Através desse assunto, prioriza-se o discurso biológico, reduzindo ao conhecimento das estruturas dos sistemas reprodutores masculino e feminino. As representações dos sistemas reprodutores, presentes nos livros didáticos, funcionam como “modelos” do que e como os órgãos sexuais podem ser ensinados”.

4. Conclusões:

Sendo os livros didáticos, artefatos culturais, são de grande importância na construção das identidades dos/as alunos/as, uma vez que a forma como representam os corpos de meninos e meninas ensina modos de ser e de estar no mundo. Assim, com relação à forma como os corpos aparecem nos livros didáticos, desvinculados do ambiente, fragmentados, assexuados, sem mãos e nem pés, com um padrão que se repete independente de classe, raça, etnia, credo, os livros estão privilegiando um discurso hegemônico e “verdadeiro”, contribuindo, dessa forma, para a produção de sujeitos universais. Sendo os livros didáticos um dos materiais mais utilizados pelos/as professores/as para o planejamento de suas aulas, necessitamos (re)pensar sua utilização, problematizando as questões e imagens neles apresentadas e permitindo que sejam feitas contribuições dos/as alunos/as acerca de outros assuntos que não são trazidos nos livros didáticos, mas que fazem parte do dia-a-dia de todos nós, envolvendo temas que dizem respeito a beleza, saúde, doença, obesidade, questões de gênero, sexualidade, entre outras. Pois, dessa forma, permitindo que sejam discutidas essas outras abordagens culturais, a escola estará proporcionando situações em que as/os alunas/os aos poucos saberão lidar melhor com todas as representações de corpos existentes, respeitando as diversidades e contribuindo para a desconstrução de binarismos: gordo/magro, alto/baixo, bonito/feio, negro/branco, homem/mulher... Ao problematizar tais questões no espaço da escola, buscamos possibilitar a construção de outras formas de pensar, discutir e abordar o corpo na escola, buscando o entendimento de que existem múltiplos corpos, múltiplos sujeitos, múltiplas formas de ser e de estar no mundo. Pois, afinal, o corpo necessita estar dentro da escola.

5. Referências Bibliográficas

Núñez, I. B., RAMALHO, B. L., SILVA, I. K. P. da, CAMPOS, A. P. N. (2003). *A seleção dos livros didáticos: um saber necessário ao professor*. O caso do ensino de ciências. Revista Iberoamericana de Educación. Disponible em: Acesso em: 20/10/07.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. (2002) *Inscribendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. Porto Alegre: PPG- Bioquímica/UFRGS. Tese de Doutorado.

SANTOS, L. H. S. (2002). *Incorporando “outras” representações culturais de corpo na sala de aula*. In: OLIVEIRA, Daisy (Org.) *Ciências na sala de aula*. Porto Alegre: Mediação.

SOUZA, N. G. S. de. (2007). *O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de Ciências*. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira (Org.). *Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: Editora da FURG.

CITACIÓN

RIBEIRO, P. y MARQUES, M. (2009). Investigando os corpos nos livros didáticos de ciências dos anos iniciais do ensino fundamental. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 969-973

<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-969-973.pdf>